

Tambores calam por falta de verba

A Noite dos Tambores Silenciosos — uma homenagem aos escravos mortos, prestada pelos maracatus num espetáculo cheio de exotismo e tradição negra, que já mereceu documentário da Televisão Francesa e da rede oficial de televisão Argentina, poderá não acontecer este ano por falta de verbas. "A expectativa é grande aqui no Pátio, não vimos os tambores silenciar no ano passado pelo mesmo motivo e justo nesse ano, em que o ritual não poderia deixar de acontecer por que estamos vivenciando o centenário da Abolição, e quando a homenagem deveria ser a melhor que os maracatus poderiam prestar ao mestre e jornalista Paulo Viana, idealizador de tudo, não haverá manifestação. "Este lamento é da devota de São Bartolomeu, Maria de Lourdes Silva, a conhecida Badia do Pátio do Terço, homenageada pela Prefeitura do Recife no Carnaval de 85.

TAMBORES

Na sala da sua residência, no Pátio do Terço, cercada de retratos de família — ancestrais escravos como a mãe Sinhá, considerada a mãe da família — Badia fala do medo de ver os Tambores Silenciosos amudecerem para sempre. Há quem diga que sem a Noite dos Tambores Silenciosos o carnaval de Badia vai acabar. Mais católica e devota que carnavalesca, ela, entretanto prefere dizer que vai ficar faltando um pedaço. Acompanhar o ritual dos maracatus é, para Badia, acompanhar o que ela nasceu vendo. Mas os olhos de Badia, assim como os do recifense e turistas talvez não vejam as baianas este ano porque as saias estão "sambadas" segundo Badia, e não há dinheiro para a confecção de outras.

SEM PAULO

O carnaval desse ano pode ser o segundo sem Tambores, mas o que entristece Badia é que será o primeiro sem Paulo Viana "Ele viajou — diz — evitando a morte, acreditando ainda que se Paulo estivesse vivo "tudo podia ser diferente". A sua idade ela não sabe ao certo. Primeiro diz que é de 1914, depois fala que em abril deve entrar nos 80 anos. Tanta confusão faz com que Badia admita que já está na hora de encontrar a sua certidão de nascimento. Com a memória dos 30, ela lembra que se houver dinheiro, os maracatus de baque virado — verdadeiras nações africanas — vão certamente, na segunda-feira de Carnaval, ao átrio da Igreja do Terço, no Centro do Recife, para louvar a Virgem do Rosário, padroeira dos homens negros, entoando loas e cantigas. À primeira badalada da meia-noite toda a percussão dos maracatus presentes silencia.

O momento de emoção é quebrado, repentinamente, pelo toque de silêncio executado por um corneteiro, seguindo-se a encenação do auto dramático "Lamento Negro — um ritual que evoca as adversidades vividas pelos negros escravos desde o momento da captura, na África, passando pela viagem nos porões dos navios negreiros, até as desumanas condições de trabalho e castigos degradantes, nas Terras do Mundo Novo.



Mestre-sala troca Gigantes pela Galeria

A grande fofoca nos bastidores do samba é sem dúvida a saída do maestro Erinaldo Luna — o popular Pelé —, campeoníssimo de Gigantes do Samba, para a rival de passarela, Galeria do Ritmo. Por mágoas e ressentimentos com a atual diretoria da Gigantes, o maestro Pelé abandona as cores verde e branco e sobe o morro da Conceição para vestir as cores da Santa e da Galeria: azul e branco.

Ressentido, mas com reservas, Pelé fala dos muitos motivos que o levaram a deixar Gigantes e que podem ser resumidos numa única queixa: falta de prestígio. "Gigantes foi a escola que aprendi a amar, estreei como mestre-sala e me dediquei durante nove anos. Agora é tempo de aprender a esquecê-la — diz Pelé tentando escamotear a emoção.

Para entender o significado da mudança, vale lembrar que Pelé, hoje com 48 anos, 32 dos quais dedicado ao carnaval, e com muitas vitórias pela Gigantes, começou como porta-bandeira de "Isto é em Folia" (agremiação de Cavaleiro), de onde saiu para "Lavadeiras de Areias, ao lado do amigo e compadre Naná — um dos melhores porta-bandeiras do carnaval do Recife. De Lavadeiras foi um pulo para Folhas Douradas de Areias e para o primeiro Clube de tradição: Pás Douradas, no qual ele desfilou dois anos.

A convite do amigo Melo — porta-bandeira e mestre-sala de Gigantes, Pelé passou a fazer parte da escola do 1º grupo, campeã do Carnaval de 86, e também de 87 já que, segundo Pelé, a briga pelo título dividido com Galeria até hoje ainda não foi definida. Nos desfiles de passarela por Gigantes, passaram pelas mãos de Erinaldo famosas porta-bandeiras do Carnaval recifense, como por exemplo Marli, Matilde e dona Selma. No último ano foi a vez da filha Edjane, de 20 anos, que desfila há três anos como porta-bandeira de Gigantes. Sem esconder o orgulho, Pelé também fala do filho Edmilson, 19 anos, que desfila pela Gigantes e tam-

bém é mestre-sala em "Garotos Inocentes".

Com o carnaval Pelé diz que nunca ganhou dinheiro — apesar dos títulos e da fama. E por esse comentário passa a principal queixa de Pelé para com a diretoria do Clube. "Vestir mestre-sala, porta-bandeira e bateria é obrigação de todos os clubes, mas isso não é "observado" por Beto (presidente de Gigantes) nem pelo vice-presidente "seu" Bui. E continua no ar a pergunta: como Pelé consegue dinheiro para viver e até bancar as suas ricas fantasias? E o brilho não está só nas roupas que veste na avenida, está também no largo sorriso em molduras de ouro e prata. Quem pensou zelador de carro, acertou.

É tomando conta de carros (que ele jamais vai poder comprar), na Praça 17, no centro do Recife, que Pelé ganha a vida e sustenta uma família de cinco pessoas: a mulher e quatro filhos. Foi também na Praça 17 que ele ganhou o apelido de Pelé, muitos amigos (até mesmo de samba) e fregueses que o acompanham de um lado para o outro, conforme as determinações da Prefeitura.

"Mestre-sala Givanildo — de Galeria do Ritmo — que se cuide porque eu estou chegando", avisa Pelé, que diz não pretender fazer inimigos e sim muitos amigos de samba na escola que ele escolheu para se despedir do carnaval. Deixando de lado a modéstia, Pelé diz que já é história no Carnaval do Recife e que sua despedida tem que ser marcada por tudo que tem direito: um campeonato, muitas notas dez e o reconhecimento do povo.

Acompanha a trajetória de Pelé o amigo de samba e de estacionamento Wellington Severino dos Santos, famoso passista de Gigantes, conhecido como o mugangueiro da passarela. O motivo da saída de Wellington é o mesmo do de Pelé, é o pivô do desentendimento com a diretoria da escola foi o novo passo criado para o Carnaval 88, e que resultou na sua retirada da sede, escolhida por policiais.

Reis, bombos. É o Maracatu na rua em folia

Falar de Maracatu é falar de negros, reis, rainhas, bombos e bonecas carregadas por damas do paço. Maracatu é, também, sinônimo de "Leão Coroado" — o malas antigo Maracatu de Baque Virado que ainda desfila no Recife, e de dona Santa, a grande rainha do Maracatu Elefante, fundado em 1801. Dona Santa morreu em 62, mas deixou um afilhado que até hoje luta para manter a tradição das nações africanas: Luiz de França dos Santos, 87 anos, atual presidente do Leão Coroado.

O endereço do Leão Coroado é o mesmo de seu Luiz, uma casa simples no córrego do Cotó, na Bomba do Hemetério. Na sala, o mobiliário confunde-se com instrumentos, bandeiras e bonecas. Fundado por pretos africanos em 1863, o "Leão Coroado" só deixou de desfilar uma vez, em 1954, quando sua rainha Martinha morreu. A tradição de mais de um século não construiu uma sede própria, mas consolidou a fama do Maracatu e fez de Luiz um baluarte da história das manifestações negras.

Com a calma de quem está perto de completar um século, Luiz é capaz de falar dias seguidos sobre o ritual do Maracatu que é de origem africana e representa o desfile da corte do Rei do Congo, introduzido pelos escravos durante a colonização. Para que não fique nenhuma dúvida, seu Luiz vai logo dizendo que o Leão Coroado é um Maracatu de Baque Virado — aliás o único maracatu autêntico, chamado ainda de Maracatu Africano ou nação. O outro era o Elefante, não o que está nas ruas agora, mas sim o que está no museu de Apipucos — o que era de dona Santa, minha madrinha — diz seu Luiz, orgulhoso.

Pina, Estrela Brilhante, Indiano, Cambinda Estrela, Almirante do Forte e Elefante. No som rural do Baque Solto (1ª categoria) destacam-se: Cruzeiro do Forte, Leão Brasileiro, Piaba de Ouro e Leão da Aldeia, Águia de Ouro (1933). Na 2ª categoria as estrelas são: Lúcia Flor (baque virado) e Estrela da Tarde, Estrela de Ouro, Pavão Dourado, Leão Formoso e Leão Pernambucano, estes no estilo baque solto.

O "Leão Coroado", segundo a memória de seu Luiz, nasceu no bairro da Boa Vista, depois foi para o bairro de São José, rua do Imperador, pé da ponte de Afogados, passando por outros bairros até a 5ª rua da Vila São Miguel, de onde se transferiu para a Bomba do Hemetério.

FALSA DOAÇÃO

Indagado sobre o número de desfilantes, Luiz responde: "Quanto o dinheiro der para vestir". Isso não chega a tirar o humor do rei de Leão — o que o aborrece mesmo é o assunto sede própria. Com passos lentos, seu Luiz pega um rolo de documentos, muito bem embrulhado e amarrado. Enquanto solta os muitos nós, vai antecipando a história, que, segundo ele, "envolve muitos doutores": Gustavo Krause, Leonardo Silva, Guerra Peixe e outros que ele não consegue lembrar. Os documentos — uma escritura, um recorte do Diário Oficial e um Ofício provam que a Prefeitura doou um terreno de 577, 80m², na av. Beberibe, para o Maracatu Leão Coroado, em 30 de março de 81. Em outubro do mesmo ano, o Leão ganhou também a promessa da construção de uma sede, através do projeto "Um por Todos", da Urb. "Hoje, existe uma

DIFERENÇAS

O Maracatu de baque virado apresenta estandarte, porta-estandarte, balana principal, dama do paço (que carrega a boneca), ala de batanas, vassallos, rei, rainha, príncipes e princesas e orquestras formada exclusivamente de percussão, bombos, caixas e gonguê. Os maracatus de baque solto, também conhecidos como maracatu rural, apresentam-se com estandarte, porta-estandarte, e cordões ou alas dos caboclos de lança. Eles diferem dos maracatus de baque virado quanto ao ritmo, formação, fantasia e estilo do canto. Nessa brincadeira, o mestre é a figura principal e a orquestra é formada por instrumentos de percussão e alguns metais.

O difícil é explicar o que é um Maracatu. Nem seu Luiz conseguiu. Não é propriamente um ritual religioso, contudo está profundamente ligado às raízes das seitas africanas. O Maracatu reúne, também, pais-de-santo e pessoas filiadas a terreiros, mas a identidade africana das práticas religiosas não conseguiu apagar a marca da catequese católica, que ligou as festas dos reis ao culto de Nossa Senhora do Rosário. Até hoje o Maracatu rende homenagem a sua protetora católica dos tempos da escravidão.

Apesar do presidente do Leão Coroado dizer que o seu Maracatu é único de Baque Virado autêntico, existem outros que se classificam como tal e marcam presença na passarela da av. Dantas Barreto e ruas dos subúrbios. Entre os de Baque Virado de 1ª categoria, destacam-se Porto Rico do Oriente, Encanto do

construção no terreno e a Urb não toma conhecimento; quando a gente vai lá tem sempre um obstáculo: a pessoa não está, foi almoçar ou está em reunião — e fica nessa munganga” — diz Luiz irritado.

Outra preocupação de seu Luiz é que o povo não faz nada pelo Maracatu e os seus filhos não querem tomar conta do Leão. “Meus netos piorou. Daí chegaram uns pretos barbudos, se “influíram” comigo e eu abri a diretoria pra eles — comenta Luiz, referindo-se a integrantes do Movimento Negro Unificado. “Ou por isso, ou por aquilo, a sociedade está andando, eles já compraram bombos novos e consertaram a casa”.

A figura principal do Maracatu é a rainha. “A pessoa que sai para ver o Maracatu diz que vai ver a rainha. O rei tem poder, mas quem manda é a mulher — brinca Luiz, que ainda manobra o Maracatu Leão Coroado na rua. Além das princesas e príncipes, que representam os filhos da rainha, existem as damas do passo que carregam as bonecas de madeira. No Leão existem duas, confeccionadas há mais de 100 anos. “Os outros maracatus têm bruxas de pano, critica o rei Luiz, enquanto exhibe, orgulhoso as suas, que representam dona Clara e dona Isabel, esta última uma homenagem à princesa Isabel.

As cores do Leão Coroado são vermelha e branca — as cores dos patronos do Maracatu: Xangô e Iansã. Com orgulho igual ao que sente pelas bonecas, seu Luiz exhibe o gasto estandarte do Maracatu, que tem um leão aplicado em veludo, com uma coroa.



Aos 80 anos, «seu» Luiz mantém bem vivo o Maracatu Leão Coroado

Gigante e Galeria. Eterna rivalidade

Na passarela do samba a vez é da Zona Norte representada pelas escolas Gigantes do Samba, de Água Fria e Galeria do Ritmo, do Morro da Conceição. A rivalidade entre as duas é antiga e as chances são sempre as mesmas — qualquer uma das duas pode ganhar o título de campeão do primeiro grupo. Só uma guarda o doce sabor da vitória, mas o Carnaval e povo ganham sempre nessa disputa de plumas, paetês, enredos, lantejoulas, muita ginga nas cadeiras e samba no pé.

Se depender do otimismo dos desfilantes e da movimentação dos barracões a Galeria do Ritmo já é a campeã do Carnaval 88. Ao contrário do que muitos sambistas pensam, Galeria não nasceu no morro e sim no Alto José do Pinho, em 15 de novembro de 1961. Mas foi no morro da Conceição que a escola passou para o primeiro grupo, no qual desfila há oito anos que representam cinco primeiras colocações e três vice-campeonatos.

"Gigantes que se cuide", adverte Paulo Lima, carnavalesco da escola há nove anos. Segundo ele, a grande surpresa de Galeria está no luxo — um luxo que ele classifica de criatividade, que é um dos pontos fortes da escola. Sobre o enredo Paulo não faz segredo: O nosso Carnaval é jogo aberto o tema é Ah! Recife — um jogo de palavras de duplo sentido que também tem a ver com arrecifes, que retrata a origem da cidade desde o período da cana-de-açúcar até a sua conquista da Capital do Nordeste.

Galeria do Ritmo desfila este ano com 2500 componentes, 25 alas, 12 carros alegóricos, 40 tripés e cerca de 600 adereços de mão. Integram a bateria 150 ritmistas. Na opinião de Paulo, uma das alas mais fortes é a de negros, que representa o período da escravidão, seguida pela ala que vai simbolizar na avenida o Recife enquanto aldeia de pescadores.

Para botar a escola na rua com condições de ganhar o título é preciso muito dinheiro e criatividade, diz Paulo, que admite Gigantes como grande rival e com muitas chances de levar o título. As outras desfilantes estão longe do brilho de Galeria e Gigantes, mas Samarina pode pinta como zebra no Carnaval deste ano, segundo Paulo Lima.

Na guerra entre a azul e branco (Galeria) e a verde e branco (Gigantes) o jeito é dar asas à imaginação. Para não engordar mais um custo que já vai em três bilhões, Paulo Lima faz de acetato peças de metal e de materiais simples tira o brilho das pedras e a beleza das plumas. Os R\$ 170 mil de subvenção da Prefeitura só deram mesmo para os sapatos dos batuqueiros — diz Paulo em tom de brincadeira. Nos trabalhos dos quatro barracões (alegoria, balanas e baterias, ferragens e montagem de adereços) 50 pessoas trabalham mais de 15 horas por dia, desde dezembro.

Paulo aponta ainda o destaque da ala do frevo que representa o Carnaval e o destaque que vem com a fantasia de Maurício de Nassau como os grandes impactos da avenida. Galeria é a 5ª escola do primeiro grupo a desfilarem na terça-feira de Carnaval, com entrada na passarela prevista para as 17h30m. O samba-enredo é uma criação dos compositores Wellington do Pandeiro, Heleno Louvação, Egides Carnaval e Tonho Simpatia.



Na Galeria do Ritmo, o cuidado com a preparação das jantasia

Noite dos Tambores acontece este ano

Para alegria dos foliões, a festa dos maracatus retorna ao calendário de eventos carnavalescos de Pernambuco: a Noite dos Tambores Silenciosos — um dos mais belos e tradicionais espetáculos do carnaval de Recife — que tem como palco o Pátio da Igreja do Terço, no bairro de São José.

A Noite dos Tambores Silenciosos volta com seus reis, rainhas, príncipes, vassallos, guerreiros e tiradores de loas de cinco maracatus de baque virado, numa justa homenagem à memória do jornalista Paulo Viana, idealizador e grande incentivador desse ritual, que faleceu no final do ano passado.

O toque surdo e envolvente dos tambores, a voz rouca e solitária do tirador de loas e o coro heterogêneo das baianas ecoam também na noite do dia 15 de fevereiro, em comemoração ao ano Centenário da Abolição da Escravatura.

Além dos maracatus de baque virado participa do espetáculo o Teatro Equipe que encena o auto dramático "Lamento Negro", um ritual que evoca as adversidades vividas pelos negros escravos desde o momento da captura, na África, passando pela viagem nos porões dos navios negreiros, até as desumanas condições de trabalho e castigos degradantes, nas terras do Novo Mundo.

Mocidade da Boa Vista no 1.º grupo

Com aproximadamente 1.200 figurantes, divididos em 12 alas, a Escola de Samba Mocidade da Boa Vista será a segunda a desfilhar na passarela da Avenida Dantas Barreto. No primeiro ano, disputando o título do 1º Grupo, a escola vai homenagear a televisão, o teatro e o cinema, com tema "Luz, Câmera, Ação, eis o show que faz vibrar corações".

A escola com suas cores básicas — azul e branco — já conquistou três campeonatos quando ainda disputava nos 3º e 2º Grupos. Agora, entre as grandes agremiações, os dirigentes prometem realizar uma bela apresentação para o público.

Segundo o compositor e puxador do samba da Mocidade, Sandro Reis, no número 110 da Rua Bituruna, nos Coelhos, onde fica localizada a sede da escola, o clima é de muita expectativa ante a aproximação do Carnaval.